

Trabalho Sinônimo de Vida

Análise crítica do filme “Memórias da Roça” (2015)

Fabiano Nunes



Dirce e Suzel

Bruno e Joana.

O vídeo começa com relatos do casal Bruno e Joana, não é exposto as suas idades, mas são já idosos, contando sobre um pouco de suas histórias de vidas, fundamentadas na roça, onde Joana fala que nasceu em Nova Columbia no Sitio Santa Cecilia. Bruno acrescenta que Nova Columbia foi formada a partir de seu avô Carlos Colombo, imigrante italiano. E tudo que ali acontecia dependia fundamentalmente do avô, que inclusive barrou a passagem da linha férrea que tinha por objetivo inicial aquele trajeto, fazendo com que a trajetória da linha ferra passasse por Campos Novos Paulista, pois se era difícil para os outros ter acesso ao novo território que alise iniciava, para o avô de Bruno não via com dificuldade. Talvez isso seja uma das causas de não desenvolvimento de Nova

Cine Trabalho

Columbia tanto quanto Campos Novos Paulista. Hoje Nova Columbia é distrito de uma pequena cidade do interior paulista, Ocaucu.

Joana relata que não teve muito estudo, apenas possuía o segundo ano primário, grau que existia na época. A mãe dizia a ela que ela estava muito grande para andar sozinha pelas estradas, pois a escola ficava em outro “patrimôniozinho”. Dá a entender que a família dela foram morar nesse Sítio no qual descreveu no início. Com isso ela ajudava a mãe nos afazeres domésticos e na época de colher o café, ajuda a limpar os troncos do pé de café e varrer os cordões. Tendo uma vida muito regrada, tendo tudo muito regulado.

Enquanto Bruno diz que sua trajetória já foi diferente a de sua esposa, pois já desde pequeno era direto na roça ajudando a colher o café, a partir que ia ficando mais velho ficava junto ao pai cuidando do sítio, na colheita do café e arroz, sempre ajudando o pai que a partir do passar do tempo, começou aos transportes, que na época ainda com o pai, faziam o transporte de café com caminhão e com carroça que era puxada por três burros, ele também chegou a trabalhar. O trabalho era sobretudo familiar, que Bruno inclusive comprou a parte dos irmãos, que segundo Joana após se casarem, retornando do Paraná onde passaram a viver depois do enlace.

O sítio foi comprado pelo pai de Bruno, para ele e os cinco irmãos, que foi vendido mais tarde para os próprios irmãos, pois foram para a cidade, segundo Joana para formar os filhos na faculdade, por isso se duram para Marília, já que no sítio fazer isso era muito difícil e dessa forma os filhos podiam trabalhar na cidade.

Bruno completa a trajetória de 4 anos no Paraná de muitas vendas e vidas em vários lugares antes do retorno deles, ainda possuem um sítio de Jafa, distrito da cidade de Garça, onde se faz renda com café, além de sua aposentadoria, que de certo modo é um motivo de lazer para Bruno junto com os Netos. Mas não para com a roça, pelo menos até a gravação do vídeo. Agradece muito ao café, que segundo Bruno através dele que tem a casa em que habita, mas também agradece a poupança aumentada pelo governo segundo ele.

Joana diz que a aposentadoria atual é pouca, mas dá ir levando a vida, e diz que a vida na atualidade mudou em 100%, não somente para eles mas que de maneira geral, pois antigamente era muito tudo muito regrado e muito difícil a vida domiciliar.

Cine Trabalho

Percebe na descrição de Joana que a vida da cidade é fundamentalmente mais fácil do que a do campo em que sempre viviam, onde ela fala no final da entrevista generalizando tal fato. Enquanto Bruno mesmo na cidade não consegue se desprender da vida do campo.

Dirce e Suzel

Outro vídeo sobre memórias da roça relata um pouco da história de vida de Dirce e Suzel, mãe e filha, contada por ela mesmas, começando através de Dirce que iniciou os trabalhos na roça com oito anos na roça, sempre com dificuldade segundo Dirce, onde puxava água do poço, tudo era feito em casa, os pães, o arroz e feijão eram colhidos, nada era comprado, tudo era produzido especialmente para o consumo. Além, do feijão e arroz, milho, alho também era plantado.

Dirce também fala que a escola era muito longe, se formando em Mirandópolis, tinham que andar quatro quilômetros a pé, tinha de passar pelo meio do mato, exaltando a dificuldade de fazer as coisas, mas sempre o trabalho na roça tinha um paralelo com tudo que se fazia, até quando “moça”, segundo as próprias palavras de Dirce, até depois de casar em Paulópolis. Teve então os filhos, e sempre com dificuldade, pois eles trabalhavam também na roça até a hora de ir para escola, onde é denominado pela própria Dirce de “Grupo”.

Suzel diz ainda, que os trabalhos da roça não eram únicos, o trabalho também se estendia para dentro de casa, nas atividades de casa, assim como passar as roupas com ferro a brasa, como não havia energia elétrica, as companhias lamparinas e lampiões alimentados por querosene, eram constantes a noite.

Dirce conclui sua fala que sua vida toda foi no trabalho na roça, até aproximadamente seus 70 anos. E após isso seus filhos casaram e moram perto dela e continua então trabalhando em casa aos 83 anos, tomando conta da casa, lavando e passando roupas, fazendo comida. E, Suzel lembra a mãe que ela ainda tem uma cunhada com deficiências, que Dirce ainda cuida.

Com isso Dirce desde sempre viveu através de trabalhos na roça, seu pai tinha um pequeno Sítio perto de Paulópolis, e depois mudaram para onde ela vive até os dias daquela atualidade, onde sempre produziram exclusivamente para o consumo, com trabalho familiar, bem exaltado por Suzel que naquele tempo não tinha muito o comércio com intuito de acúmulo, assim como dessa forma pode se entender.

Cine Trabalho

Cada um tinha sua família e seus filhos, que eram bem aproveitados para o trabalho de Sol a Sol, principalmente na colheita onde se colhia muito e pouca gente havia para realizar o serviço, numa batalha constante. Sulze ainda relata o pai chamando todos as 4 horas da manhã, batendo nas portas dos quartos, entando isso Dirce já tinha iniciado os trabalhos na cozinha, fazendo do café e fervendo o leite, pois o pão já estava pronto desde o dia anterior através das mãos dela.

Havia criação de animais, como porco, onde com a banha deles eram mantidos os alimentos e se fazia o sabão. Só se comprava o sal, a farinha e o açúcar, pois segundo elas não havia como ser feito. O restante era tudo produzido de forma familiar, e através dos alimentos que eram colhidos, 70% era negociado para a aquisição desses produtos que não davam para serem produzidos, e também a carne de boi era adquirida dessa maneira.

O trabalho ardo na roça, fez com que as crianças fossem alimentadas por leite de vaca pela avó de Suzel, pois Dirce não podia perder tempo alimentando e muito desse leite eram acrescido de água, com isso um irmão de sequência a Suzel, por evacuar rapidamente tudo que consumia, morreu prematuramente, pois a suspeita de Suzel interpretando através de ciências atuais, que o irmão tinha alergia ao leite. Havia médico, mas segundo Suzel o diagnóstico eram sempre similares e o tratamento era receitado aos benzedeiros, pois soluções os médicos tinham as mínimas, “isso não tem cura é mal de *simioto*, vai benzer que Deus cura”, assim disse Suzel como uma das soluções dos médicos. E assim era feito, durante o mês todo, andando 20 quilômetros, pois segundo Suzel o médico dizia que não tinha jeito, não tendo também remédios e com isso a morte foi inevitável.

Suzel relata que quando criança, a vida deles eram pelo chão e assim que cresciam um pouco, mesmo com quatro anos já iam ajudar na roça, limpando os troncos de café onde os rastelos não entravam e por ser a única mulher e pequena os seus dois irmãos e seu pai que cuidava das tarefas mais ardas através dos rastelos e outros equipamentos rudimentares usados na roça. O almoço era levado por Dirce através de cestas, enquanto os que lá na roça já estavam comiam, Dirce então rastelava para render o serviço, pois senão o serviço só dos dois irmãos de Suzel não bastava para rapidez de seu paina peneira. E assim que acabava a colheita do café o plantio de alho começava.

A horta do pai de Suzel era muito boa e bonita, a mesma relata o capricho do pai que plantava “tudo que Deus dava”, toda semente que ele achava era guardada no bolso

Cine Trabalho

e plantada assim que chegava em sua horta e quando indagado que demoraria muito ele respondia que um dia ia comer os frutos daquele plantio e devolvia perguntando para pessoa o que ela ia comer se nada plantava. Com isso Suzel diz que havia muita fartura de comida e frutas.

Suzel ainda diz que toda vida estudou na companhia das lamparinas, sendo a energia elétrica só veio aparecer depois que ela se formou na faculdade. Seu ingresso na escola, foi aos seis anos, não podendo, mas através do pedido do seu pai para acompanhar os irmãos atendido foi o causador desse fato, já que o ingresso era somente os sete e Suzel era de outubro, para não esperar tanto o ingresso veio antes, e assim ela fazia companhia ao irmão e o irmão companhia a ela.

Para ir à escola era maravilhoso segundo Suzel, mesmo que andasse dois quilômetros, distancia pequena para Suzel, mas que juntava a turma toda no caminho para a escola, os que moravam mais longe eram esperados pelos que moravam mais perto e sempre na hora certa, mesmo sem relógio.

Único meio de transmissão de comunicação era o rádio, que era somente para a noite, onde todos ouviam a Voz do Brasil, um dos motivos de saber um dos horários, pelo início do programa, e fazia todos irem dormir em seguida, pois se acordava muito cedo. Outro era a própria sombra, pois quando ela sumia se sabia que era meio dia. Também se acompanhava os trens, principalmente o das 10 horas e 40 minutos, esse que marcava o horário de ir para escola, motivo pelo qual se fazia correria da saída da roça para tomar banho para ir para escola, que mesmo sem chuveiro, o banho era por meio de bacia.

Caderno era um por ano, junto com um único lápis e uma única borracha. Mas como Suzel queria estudar em casa, usava o chão como caderno e uma varinha de sua altura como lápis, e depois quando maior usava as paredes e o terreirão de café para escrever com pedaços de telhas e carvão, dessa forma mudava as cores.

E mesmo com tudo isso, Suzel começa a partir de história contada por ela mesmo, achar aquilo tudo que foi vivido muito maravilhoso.

A medida que novas famílias chegavam, Suzel as ensina, pois tinha paixão pelo ensinar, um dos motivos de ingressar em licenciatura de ciências. Amando assim os estudos e não tendo o que estudar, buscava então alternativas para o desafio do estudo e o que aprendia e isso desenvolvia bem repassava aos domingos para aqueles que nada sabiam, sentados mesmo no chão. Entendo aquilo tudo como uma paz de espírito.

Cine Trabalho

Um dos maiores desafios para Suzel foi o ginásio com a indução da atividade de educação física aplicada três vezes por semana. Como o trabalho era muito arduo na roça, principalmente no plantio de arroz e feijão eram a quatro quilômetros numa serra. Isso fez com que ela e os três irmãos fossem muito magros, mesmo comendo muito, de colher inclusive, pois se não podia perder tempo com garfo. Mesmo indo a cavalo pela manhã, a ida deles para escola no apito do trem das 10 e 40 o caminho era feito a pé, pois os cavalos ali ficavam para o regresso à tarde.

O estudo continha os quatro anos do primeiro e depois um ano de admissão que ao ver de Suzel não era necessário para assim adentrar no ginásio.

A educação física além de ser feita três vezes por semana, era feita duas vezes ao dia, pela manhã e pela tarde, fazendo Suzel, os irmãos e outras crianças andarem 4 quilômetros de ida e mais 4 quilômetros de vinda, num total de 16 quilômetros diários, e assim Suzel pergunta para educação física então. Mas continua dizendo que o rigor era muito. Somente podendo obedecer. Fazendo então que os pais perdessem essa mão de obra.

A compra das roupas eram uma vez ao ano, sendo que as roupas de Suzel e Dirce fossem iguais, assim como os sapatos. Mas essas roupas eram usadas principalmente para irem na missa que era realizada aos domingos e não podiam ser faltadas, com localidade perto da escola que eles já iam durante a semana. A volta da missa, depois de arrumar a cozinha as meninas se juntavam para brincar de boneca, e crescidas um pouco mais, faziam coche. Ainda no domingo a lenha era colhida para a semana inteira.

Assim que Suzel terminou o ginásio, não tinha o que estudar, então seu pai comprou uma máquina de costura para que ela virasse então costureira. E assim ela trabalharia na roça e a noite ia para a costura e ela não queria isso, pois gostava muito de estudar e se espelhava em uma professora de ciências que tinha, querendo ser professora igual. Com isso foi morar com uma tia para que assim estudasse, mas com muita insistência da própria tia inclusive. O pai relutou pois era a única filha para que ajudasse Dirce.

Contudo isso Suzel interpreta aquilo vivido como maravilhoso mesmo com muito trabalho que eles desenvolviam sempre com uma luta muito grande.

A diferença de idade que as crianças nasciam é relatado por Suzel com admiração, pois ela e os irmãos eram seguidos de idade. O irmão mais velho nasceu em julho de

Cine Trabalho

1951, ela em outubro de 1952, depois o irmão falecido precoce de setembro de 1953, e continua que a mãe não tinha tempo de recuperar e já engravidava novamente. E nisso desde muito pequenos já eram colocados debaixo dos pés de café, sofrendo então com picadas de aranhas e outros animais peçonhentos e tudo com muito sacrifício, mas que no entendimento de Suzel isso engrandeciam muito eles e dava uma paz enorme de espírito.

Suzel então termina sua fala dizendo que o trabalho é vida e que não se pode parar, sendo que o trabalho não cansa, ele enobrece, por que cada vez que ele é feito, se faz melhor e assim faz com que se sinta melhor. E dessa forma diz que não se deve parar de trabalhar nunca, com concordância de mãe, que se orgulham de ter arrumado uma simples gaveta, numa simples troca de lugar, fazendo as peças se acomodarem melhor. Traduzindo em exercício para mente, e se parar a pessoa adocece.

Conclusões sobre relatos.

Apesar de toda a dificuldade da roça, Suzel na medida que vai relatado os fatos, ela vai descrevendo que mesmo com aquela dificuldade era tudo muito maravilhoso, com sentimento de orgulho de ter vivenciado aquilo, dá inclusive a entender que aquilo tudo hoje foi perdido com a chegada da *metropolização*¹, mesmo enfrentando a vida de maneira árdua, mas aquela agricultura familiar de certo modo havia sua beleza, enquanto se analisar a primeira parte do filme Joana prefere as comodidades da vida na cidade, sem moderação que o capitalismo oferece a partir de que tenha dinheiro para comprar. Na vida de Suzel, sempre existiu a *dominação tradicional*², mas isso não fez com que ela e sua mãe sentisse algum ressentimento daquela vida rural que foi vivida, enquanto para Joana, a regulamentação das coisas e dos acessos, como para educação foi algo que se percebe o receio. Mas sobretudo o trabalho não foi encarado para nenhuma das famílias como algo de lamentações, Suzel no entanto até trata o trabalho como sinônimo de vida e saúde, que Bourdieu poria entender como causas do *Habitus e o Poder Simbólico*³.

¹LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio José; SILVA, Augusto César Pinheiro da. (orgs.). Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

²WEBER, M. Burocracia – Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zacar, 1964.

³BOURDIEU, Pierre. A Gênese dos Conceitos de Habitus e de Campo. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.